

Materiais didáticos em Libras como facilitadores do processo inclusivo

Didactic content in Libras as inclusive process facilitators

LUCIANE CRUZ SILVEIRA

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, professora de Libras. *E-mail: lucianacruz72@hotmail.com*

ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, Professora Adjunta. *E-mail: anarcampello@gmail.com*

RESUMO:

A escola municipal Salvador Kling, que está em funcionamento desde o ano 2000, passou, em 2008, a receber alunos surdos para a inclusão no segundo segmento do Ensino Fundamental e desde então vem desenvolvendo vários projetos para garantir o sucesso de seus educandos, dentre eles a produção de materiais didáticos em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Este artigo tem como objetivo abordar a produção do dicionário de Libras,

ABSTRACT:

The municipal school Salvador Kling, which has been in operation since 2000, began, in 2008, to receive deaf students for inclusion in the second segment of elementary school and since then has been developing several projects to ensure the success of their students, including the production of instructional materials in Libras. In this article we discuss the production of Libras dictionary, the dictionary of the Portuguese language in adaptations of syllabus. It is

de língua portuguesa em Libras, e os vídeos de adaptações de conteúdos programáticos como instrumentos visuais-espaciais fundamentais para a aprendizagem de Libras por alunos surdos e ouvintes. Pretendem-se produzir ainda alguns recursos didáticos que possam ser explorados de diferentes maneiras para o ensino da língua portuguesa e demais áreas de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Materiais Didáticos. Libras.

also intended to produce some educational resources that can be exploited in different ways to the teaching of Portuguese and other areas of knowledge.

KEYWORDS: Inclusion. Instructional Materials. Libras.

Introdução

A educação escolar de pessoas com surdez ainda hoje causa muitas controvérsias, pois perduram os embates entre os defensores das diversas concepções de ensino. Entretanto, as políticas públicas atuais orientam o trabalho para a abordagem bilíngue, a Libras e a língua portuguesa, promovendo uma educação consistente e produtiva, resultante da reestruturação dos sistemas de ensino e das práticas pedagógicas nas escolas públicas e particulares.

Alvez (2010) considera o bilinguismo¹ uma abordagem que respeita a língua natural do aluno e promove o seu desenvolvimento:

[...] a abordagem educacional por meio do bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas no cotidiano escolar e na vida social, quais sejam: a língua de sinais e a língua da comunidade ouvinte. Estudos têm demonstrado que esta abordagem corresponde melhor às necessidades do aluno com surdez, em virtude de respeitar a língua natural e construir um ambiente propício para a sua aprendizagem escolar (ALVEZ, 2010, p. 7).

Uma das mencionadas leis, o Decreto nº 5626/05, refere-se às escolas ou classes bilíngues como aquelas em que “a Libras e a

modalidade escrita da língua portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (Decreto 5626/05, inc. II, art. 22, § 1º).

A Escola Municipal Salvador Kling, situada na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, está em funcionamento desde o ano 2000; no entanto, somente após o ano de 2008 passou a atender alunos surdos incluídos no segundo segmento do Ensino Fundamental. Desde então, a equipe gestora em parceria com o corpo docente tem procurado promover um atendimento adequado a esses alunos.

Além do trabalho de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e das aulas de Libras no contraturno com presença de uma professora surda e de intérprete de Libras em sala de aula, a partir do ano de 2010 a equipe de atendimento ao surdo começou a notar outras necessidades que não eram supridas somente com essa proposta. Com isso, começamos a elaborar projetos para complementar o trabalho.

Dentre outros, serão destacados neste artigo o dicionário de Libras, o dicionário de língua portuguesa em Libras e a adaptação de conteúdos programáticos para a Libras com intuito de facilitar o processo de inclusão.

Abordaremos o ensino da segunda língua (L2), a língua portuguesa, de duas formas: ensinada para os surdos que já tem a Libras como sua língua natural (L1) e a Libras como uma segunda língua aprendida pelos ouvintes que tem o domínio da língua portuguesa como sua língua natural (L1). A língua adquirida de modo natural pelo surdo é a Libras, o que se dá pelo sentido visual. Em consonância com os autores:

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, por exemplo, produtividade ilimitada (no sentido de que permitem a produção de um número ilimitado de novas mensagens sobre um número ilimitado de novos temas); criatividade (no sentido de serem in-

dependentes de estímulo); multiplicidade de funções (função comunicativa, social e cognitiva – no sentido de expressarem o pensamento); arbitrariedade da ligação entre significante e significado, e entre signo e referente); caráter necessário dessa ligação; e articulação desses elementos em dois planos – o do conteúdo e o da expressão. As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 30).

1. O dicionário de Libras

Uma das necessidades percebidas pela equipe foi a questão comunicacional. Os alunos surdos chegavam à escola com comprometimentos – tanto estruturais quanto vocabulares – na utilização da Libras. Tais comprometimentos afetavam a compreensão dos conteúdos em sala de aula, já que as aulas são ministradas por professores ouvintes e traduzidas por um intérprete.

Somado a isso, começou-se a perceber o interesse, a partir dos alunos ouvintes, em aprender a língua de sinais (LS). Eram constantes as perguntas sobre como se realizavam determinados sinais para que pudessem se comunicar de forma independente com os surdos. A mesma situação ocorria por parte dos professores e dos funcionários, que, apesar de semanalmente terem aulas de Libras, sempre procuravam aprender sinais específicos que contribuíssem com sua prática em sala de aula.

Para que a inclusão do surdo em escolas regulares seja possível, é necessário não apenas que se coloquem intérpretes com eles na sala de aula, mas que haja profissionais qualificados nesses locais, por isso a grande importância dessa lei. Também é importante

que os alunos ouvintes se interessem em aprender a língua de sinais, para facilitar na interação do surdo com a turma.

A obrigatoriedade de cursos de Libras nas instituições de ensino (médio, fundamental e superior) e também de disciplinas em cursos de licenciatura, e ainda optativa para os demais cursos de educação, conforme prevê o decreto 5626, abre uma avenida não apenas para pensarmos os aspectos puramente pedagógicos (ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, objetivos) dos quais tratamos nas seções anteriores, mas também uma avenida para se refletir como vai ocorrer a construção dos currículos, e quais profissionais estão à frente deste momento de planejamento, articulações e tomadas de decisões. Questionamentos sobre como o currículo será definido, quais discursos pautarão a discussão, quais conhecimentos serão considerados essenciais como parte do currículo, quais identidades e subjetividades serão privilegiadas, por exemplo, são de extrema valia para nos permitir ver a educação dos grupos linguísticos e culturais minoritários sob uma nova ótica (GESSER, 2010, p. 94).

A L2 foi embasada na teoria de alguns autores que cientificamente comprovaram a necessidade dos ouvintes aprenderem a língua de sinais para melhorar sua comunicação e interação com as pessoas surdas. Os contextos de Libras abarcam, certamente, todas essas variáveis. É possível que você encontre salas de aula umas menos heterogêneas do que outras, mas via regra, os cursos de Libras apresentam uma elevada heterogeneidade, variando a idade, gênero, proficiência e/ou conhecimento na língua, área de formação educacional, nível de escolaridade, necessidades e objetivos individuais dos alunos para a aprendizagem da língua de sinais (GESSER, 2006).

Por fim, notou-se também que os familiares não sabiam, em sua maioria, usar a Libras. Conheciam poucos vocábulos e, apesar do interesse, sempre alegavam não poder participar dos cursos de Libras oferecidos pela escola. Além disso, o desconhecimento de

certos vocábulos levava os surdos a convencionar sinais arbitrária e desnecessariamente.

No caso do educando surdo, é fundamental que seja ofertada à família a oportunidade de aprendizado da língua de sinais, com o objetivo de expandir o conhecimento adquirido pelo educando e possibilitando o uso da língua fora do espaço escolar, permitindo que ela se estabeleça como a língua pela qual esse sujeito se reconhece e é reconhecido.

As questões estruturais passaram a ser trabalhadas mais pormenorizadamente com a professora surda nas aulas específicas de Libras por meio de vídeos, jogos, discussões e ensino formal da gramática.

Com relação às questões vocabulares, fazendo a proposta apontada por Quadros e Schmiedt (2006) e a experiência obtida em cursos de elaboração de mídias digitais em Libras em que o intérprete e a professora de Libras participaram, a equipe resolveu elaborar um dicionário de Libras que estivesse disponível na internet.

A proposta seria o acesso a todos os interessados: tanto os alunos surdos, quanto os ouvintes, intérpretes da Rede Municipal, professores, parentes, amigos, enfim, toda a comunidade escolar. Com isso, cumpre o papel de difusor da Língua de Sinais, proposto pela Lei nº 10436/02 e pelo Decreto nº 5626/05. Além de suprir todas as necessidades citadas anteriormente, a equipe resolveu utilizar o dicionário como um *corpus* lexical de termos específicos do âmbito educacional que são de raro uso fora do espaço escolar. Assim, os intérpretes, quando sentem necessidade, recorrem ao *site* para sanar suas dúvidas. Quando o sinal ainda não está no dicionário, é passado à professora de Libras que busca o sinal desconhecido e o disponibiliza *on-line*.

Convém ressaltar que é importante que todas as pessoas aprendam Libras para que haja uma real comunicação com os surdos, e assim, aconteça uma inclusão realmente efetiva em nossa sociedade.

Na internet, o dicionário segue a mesma estrutura do que os dicionários escritos ou mesmo os já existentes na rede: índice alfabético e lista de palavras que, quando clicadas, abrem a página com o vídeo correspondente ao sinal. Além do índice, há um sistema de busca no qual pode-se digitar a palavra desejada que o próprio sistema procura no *site*.

2. O glossário de língua portuguesa em Libras

Agora abordaremos o ensino da segunda língua (L2), que é encontrada de duas formas aqui no Brasil, a língua portuguesa ensinada para os surdos que já têm a Libras como sua língua natural (L1) e a Libras como uma segunda língua aprendida pelos ouvintes que têm o domínio da língua portuguesa como sua língua natural (L1).

Do ponto de vista do surdo, como já mencionamos, o português não é uma língua natural, e sim a Libras. E é observada grande dificuldade por parte dos surdos na aprendizagem e utilização da língua portuguesa. Para esse problema ser resolvido é necessário um grande esforço em conjunto, por parte da escola e de seus familiares para que apoiem o estudo do português, incentivando a leitura e a escrita, pois as pessoas surdas necessitam utilizar muito o português em seu cotidiano, tanto escolar como social.

O processo mais consciente da aquisição da leitura e escrita, isto é, a etapa mais meta-lingüística deste processo, é muito importante para o aluno surdo. Falar sobre a língua por meio da própria língua passa a ter uma representação social e cultural para a criança que são elementos importantes do processo educacional. Falar sobre os processos de interações comunicativas, sobre a língua de sinais e sobre a língua portuguesa escrita são formas de desenvolver a conscientização do valor das línguas e suas respectivas complexidades. Este exercício dará subsídios para o processo de aquisição da leitura e escrita em sinais, bem como para o desenvolvimento da leitura e escri-

ta do português como segunda língua (QUADROS & SCHMIEDT, 2006, p. 30=-31).

Entretanto, quando nos deparamos com a realidade da inclusão, faltam materiais em Libras para trabalhar com os surdos. Então, esse material pode ser desenvolvido em cada escola através de sua equipe pedagógica.

Outra situação observada foi a escrita da língua portuguesa pelos alunos surdos de nossa escola. Em suas produções escritas, notamos também déficits acentuados na estruturação da língua escrita – além dos que ocorrem normalmente em produções de português como segunda língua (L2) – e um vocabulário extremamente restrito.

Foi observado que o comprometimento na LS prejudicava consideravelmente o aprendizado da L2. Não era suficiente mostrar o sinal correspondente a determinadas palavras da língua portuguesa para obter a compreensão total do significado daquele vocábulo. Em uma das experiências com três alunos surdos, houve um problema comunicacional tanto em Libras quanto em português que atrapalhou todo o andamento de uma aula. Uma das professoras pediu aos alunos – todos do 6º ano, com faixa etária de 15 a 16 anos – que trouxessem de casa uma garrafa PET e areia, com o objetivo de confeccionar uma ampulheta. Nenhum dos três alunos compreendeu o sinal de GARRAFA e AREIA. Após o professor, por intermédio do intérprete, explicar o que era uma garrafa, um dos alunos compreendeu de que se tratava e tentou explicar aos outros. Um deles continuou sem conseguir associar o significante “GARRAFA” a seu significado. No entanto, nenhum dos três conseguiu fazer a associação com o termo “AREIA”, mesmo após várias explicações, inclusive da própria professora de Libras.

Convém destacar que há a necessidade de “criar um ambiente linguístico apropriado às formas particulares de processamento cognitivo e linguístico das crianças surdas.” (QUADROS, 1997, p. 107). Ainda esclarece que “[...] criar um ambiente linguístico apro-

priado, observando a condição física das pessoas surdas significa oportunizar o acesso à Língua de Sinais – única língua adquirida de forma espontânea sem intervenção sistemática e formal”. Esse ambiente implica a presença de pessoas que dominem a Língua de Sinais “[...], preferencialmente pessoas surdas adultas que possam assegurar o desenvolvimento socioemocional íntegro da criança e a formação de sua personalidade mediante uma identificação com esses adultos” (QUADROS, 1997, p. 107).

A partir de experiências como essa em que nem a Libras nem a língua portuguesa conseguiram suprir a necessidade dos alunos, foi criado o projeto do glossário de português em Libras.

O trabalho consiste em explicar termos da Língua Portuguesa em Libras com o auxílio visual de imagens e vídeos, termos específicos de disciplinas e também termos da língua portuguesa em geral, assim como expressões idiomáticas e polissêmicas. Nesse caso, foi julgada válida a inserção de tais expressões pelo fato de elas serem explicadas em Libras, ou seja, a L1² do aluno surdo.

No glossário, o foco continua sendo a LS, porém trabalhada de forma imparcial já que atende utentes da Libras como L1 e L2³.

Entre outros autores pesquisados, nos apoiamos nas autoras Quadros e Schmiedt (2006) que têm vasto trabalho e experiência na área, elas explicam que para ensinar português para alunos portadores de surdez enfatiza-se o uso dos dicionários bilíngues para uma boa educação dos surdos. Ainda escrevem que a confecção desse tipo de material precisa ter a participação e a revisão de um grupo de surdos da região fluente em língua de sinais.

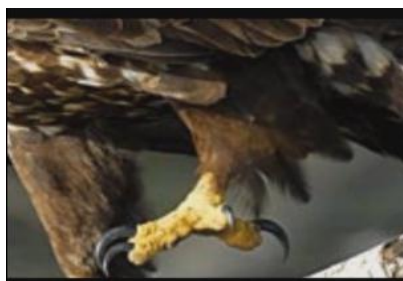
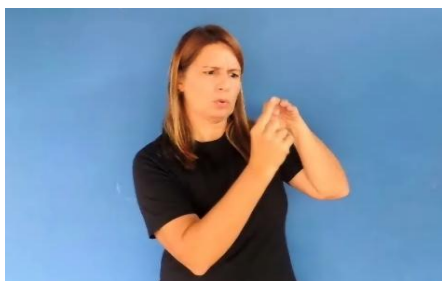




Imagem 1: Figuras e vídeos de diferentes tipos de garra: uma águia, referência ao personagem *Wolverine* do filme *X-Men 2*, e a uma cena de *ToyStory*.

Depois de algum tempo de trabalho foi notória a melhora afetivamente dos alunos surdos incluídos nesta escola regular. Pela influência do trabalho visuoespacial que foi feito.

O português enquanto segunda língua, a língua alvo, apresenta características de aquisição observadas em processos de aquisição de outras línguas, ou seja, observa-se variação individual tanto no nível do êxito como no processo, nas estratégias usadas pelos próprios alunos, bem como nos objetivos. Há, por exemplo, fossilização, ou seja, estabilização de certos estágios do processo de aquisição. Há, também, a indeterminação das intuições (em relação ao que é e o que não é permitido na gramática da língua alvo). Além disso, pode haver influência de fatores afetivos (QUADROS & SCHMIEDT, 2006, p. 33).

De acordo com Quadros (2003), a alfabetização das crianças surdas deveria partir de uma língua visual espacial; portanto, a língua de sinais. Ao alfabetizarmos, não se utilizaria o português escrito, mas um sistema escrito da língua de sinais. Esse sistema capta as relações que a criança estabelece com a língua de sinais e assim a alfabetização seria uma consequência do processo. Estaria garantido o letramento do aluno ao longo processo educativo. Justamente por ser uma escrita de caráter visual haveria uma contribuição para que o aluno entendesse como se constitui a estrutura da

Libras. Assim o professor deve ter o cuidado de elaborar aulas utilizando estratégias de ensino visual.

3. A adaptação de conteúdos programáticos para Libras

Dentro de uma sala inclusiva, mesmo com a presença de intérprete, a metodologia e as estratégias de ensino são voltadas prioritariamente para uma visão oral-auditiva, por ser, geralmente, a maioria ouvintes. Mesmo quando o professor flexibiliza o conteúdo e as atividades, ainda a acuidade visual é pouco explorada.

Tendo isso em vista, a equipe começou a organizar e filmar vídeos em Libras de conteúdos onde foi percebida maior dificuldade dos alunos surdos para sua utilização nos momentos de AEE.

Os filmes são de conteúdos específicos e abrangem várias disciplinas como Ciências, História, História de Petrópolis, Geografia, entre outras.

A maior parte da filmagem cabe à professora de Libras, que explica todo o conteúdo em Libras de maneira complementar sem, no entanto, anular a atuação do professor em sala de aula. Alguns professores que frequentam as aulas de Libras também sinalizam algumas partes – como introduções, por exemplo –, mas toda a parte do conteúdo é responsabilidade da professora.





Imagem 2: filme em Libras sobre o conteúdo “Os primeiros seres humanos e a organização em sociedade”, de História. Figuras da professora (ouvinte) de História da escola sinalizando a introdução do vídeo; a professora de Libras explicando as teorias criacionista e evolucionista e, por fim, imagens comparativas da vida nas sociedades atual e pré-histórica.

Com aquisição da Libras, o aluno surdo desenvolverá a sua capacidade intelectual mais rapidamente, podendo dessa forma, assimilar todas as atividades com igualdade de tempo do aluno ouvinte.

Muitos alunos surdos têm contato tardio com a língua de sinais e chegam à idade escolar com um nível de proficiência muito baixo, atrasando seu aprendizado. Por isso é necessário que as crianças surdas entrem em contato com a Libras o mais precocemente possível para que tenham um desenvolvimento linguístico adequado. (BASSO, STROBEL & MASSUTI, 2009, p. 26).

A aquisição da língua de sinais deve ser um processo realizado com um trabalho intenso por professor e professor de Libras acompanhado de equipe pedagógica onde, juntos, irão discutir, analisar e elaborar métodos e estratégias para contemplar conteúdos estruturantes a serem trabalhados tanto em língua de sinais quanto em português escrito.

Um professor que tenha o domínio de Libras pode ajudar a estimular o aluno surdo, que ficará mais seguro, podendo inspirar-se nele como um modelo, o que aumenta o seu próprio contato com essa língua e ajuda na formação de sua identidade e uma cultura surda (SILVA, 2000).

4. Metodologia

Os estudantes e professores desta pesquisa são da Escola Municipal Salvador Kling, Petrópolis, Rio de Janeiro. Esta U. E. transformou-se em polo inclusivo para surdos em 2009, sendo referência na cidade para a educação desse alunado. Neste estudo, um mínimo de 10 alunos surdos – todos do 6^o ano a 9^o ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de 15 a 21 anos – participaram da análise de concepções do tema e também avaliaram o protótipo do material didático que foi confeccionado. A escola adquiriu o material para filmagem – um tecido utilizado em trabalhos de filmagem chamado *cromaqui* – e a equipe começou a selecionar os sinais mais adequados para se postar no site. Procurou-se colocar somente sinais nos quais existe uma correspondência mais imediata com a língua portuguesa. Houve pesquisa qualitativa acerca da eficiência da Libras quando utilizada por alunos para a realização do processo inclusivo e criação de banco dos sinais existentes dentro do vocabulário e possível criação de sinais culminando em um dicionário de português no site, *on-line*.

Cabe ressaltar que algumas questões levantadas sobre o dicionário possibilitaram mais de uma resposta, o que nos levou a trabalhar, por vezes, nessas questões, com um número acima dos questionários aplicados. O questionário sobre o perfil dos alunos considerou aspectos como idade, nível de deficiência auditiva (leve/moderada/profunda), condições dos pais (ouvintes/deficientes auditivos), surgimento da deficiência (congenita/idade), as possíveis fontes de acesso de informações, analisando-se ainda as vantagens e as desvantagens da prática docente em ministrar as aulas em português. O objetivo deste estudo foi detectar os problemas comunicacionais tanto em Libras quanto em português, o que atrapalhou todo o andamento de uma aula.

A seguinte sequência foi utilizada:

- Elaboração do roteiro dos conteúdos onde os alunos têm dificuldade.
- Após a criação do roteiro, a professora de Libras estuda o conteúdo, pesquisa sinais adequados que, porventura, não saiba.
- Filmar em vídeos adaptando os conteúdos programáticos traduzidos pela professora de Libras juntos com um intérprete e professor da disciplina ministrada que, geralmente, colabora com a criação do roteiro e zela pela qualidade do conteúdo ministrado;
- Sempre que possível, são adicionados desenhos, fotos, vídeos que possam complementar o que está sendo dito sobre o conteúdo. Cabe ressaltar que a inserção de imagens é a baseada existência deste projeto, pois somente o conteúdo trabalhado em Libras poderia ser explorado no AEE, com a professora;
- Depois da filmagem, houve revisão para ver se a tradução e inserção das figuras estão adequadas;
- Inserção das fotos dos professores para visualizar as disciplinas ministradas. Todos os participantes assinaram termo de autorização.

Materiais Utilizados:

- Parede de fundo com *cromaqui* azul;
- Local de filmagem: sala de gravação;
- Filmadora: Sony Handycam/ Full HD;
- Tripé;
- Microcomputador para edição de vídeos.

Selecionar os vocabulários juntamente com a comunidade surda para depois fazer a identificação e/ou criação dos sinais requeridos com os mesmos. Foram selecionados verbetes em Libras nas várias disciplinas, tendo pesquisas. A criação dos sinais para as disciplinas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental utilizamos os termos mais abordados, que não foram encontrados em nenhum outro local, seguindo a estrutura da Libras e os sinais em Libras.

O dicionário de Português em Libras e a adaptação de conteúdos programáticos para Libras contém vídeos que foram realizados através do programa Sony Vegas, traduzindo palavras em português para Libras, adaptadas para a comunidade surda; além de explicar seus significados da LP para Libras. A soletração utiliza-se da datilologia da Libras. E as figuras e vídeos foram retirados da internet utilizando o site de buscas do *youtube* (www.youtube.com) com o auxílio do recurso *PrintScreen* e editadas no programa *Paintbrush*.

Estamos trabalhando na elaboração do projeto de desenvolvimento e avaliação de materiais didáticos em Libras no plano de educação dos alunos surdos. Tendo que verificar nas escolas se existem esse tipo de material nelas e caso não haja, fazer a distribuição desse tipo de material didático para as escolas trabalharem em cima desses materiais.

A proposta é ser uma escola bilíngue com o objetivo de dar acesso ao aluno surdo a adquirir a língua sendo a L1 a Libras e a L2 a língua portuguesa. De acordo com a Lei da Acessibilidade, Lei de Libras e seu decreto, a Língua deve ser divulgada pelo Brasil, sendo assim objeto de estudo científico oferecendo devido respeito à cultura surda.

5. Avaliação

Atualmente existem cerca de 400 sinais já postados e ainda 800 a serem filmados e postados nos dicionários elaborados através

do nosso projeto. Participam desse projeto não somente a professora e o intérprete de Libras, mas também os professores ouvintes que frequentam as aulas de Libras assim como os próprios alunos surdos, em consonância aos conteúdos trabalhados nas aulas de Libras.

Durante o ano de 2011 foi elaborado, pela equipe, um questionário de avaliação dos projetos que atendem a comunidade em geral, a saber: o dicionário e o glossário.¹A ficha de avaliação foi distribuída para alunos surdos e ouvintes, professores e funcionários e pais dos alunos surdos. Cada ficha continha itens específicos ao público para a avaliação.

De forma geral, a intenção da avaliação era saber:

- O grau de aceitação dos trabalhos;
- A satisfação com relação aos conteúdos apresentados e com a qualidade de apresentação;
- A possibilidade de acesso à internet;
- O interesse de acesso aos sites;
- Sugestões e críticas.

Os resultados foram bastante satisfatórios:

- Entre os professores e funcionários, foi unânime a aceitação e satisfação.
- Entre os alunos ouvintes, 92% aprovaram e se sentiram estimulados a utilizar o dicionário.
- Entre os alunos surdos, todos demonstraram interesse, satisfação e estímulo a usar o dicionário e enciclopédia,

¹ As adaptações dos conteúdos curriculares em Libras não foram avaliadas por serem mais novas, estarem em processo de desenvolvimento e, por isso, não terem sido apresentadas e utilizadas de fato com os alunos.

além de acharem os *sites* com boa usabilidade e com conteúdo de fácil entendimento.

- Os pais elogiaram a iniciativa e complementaram dizendo que seus filhos acessam quase diariamente o *site*, corroborando, assim, a avaliação dos alunos surdos.

Outro ponto importante é resultado da contribuição ocorrida após divulgação do material e o (re)conhecimento e valorização da Libras e dos profissionais que trabalham com a língua por parte de toda a comunidade escolar.

Com tecnologia visual alta, esse dicionário tem foco no desenvolvimento da Libras incentivando o conhecimento do vocabulário da língua portuguesa.

O projeto foi avaliado por meio dos dados coletados na pesquisa qualitativa, ratificando o amadurecimento de toda a comunidade escolar em relação à inclusão de fato e de direito dos alunos com necessidades educacionais especiais, além da otimização do trabalho pedagógico, não somente no AEE, mas também na classe regular. Observou-se que essas ferramentas pedagógicas possibilitaram o desenvolvimento dos alunos em relação à escrita e ampliaram o seu vocabulário tanto em Libras como em língua portuguesa, promovendo o envolvimento e a interação entre os alunos surdos e ouvintes com os demais membros da escola e seus familiares.

Conclusão

Todos os projetos têm como base o respeito ao bilinguismo do surdo – a língua de sinais como língua materna e a língua portuguesa articulada como segunda língua – e o uso da tecnologia visual a favor da escolarização desses educandos. Além disso, o dicionário de Libras serve como meio difusor da língua para pessoas surdas e/ou ouvintes, seguindo as disposições legais brasileiras; o dicionário de língua portuguesa como meio facilitador de aprendi-

zagem e aquisição de vocabulário de L2; as adaptações em vídeo como apoio à aprendizagem dos conteúdos programáticos dentro da sala inclusiva.

Sendo a língua um instrumento vivo e apesar de já elaborados e iniciados, a confecção desses projetos ainda não acabou. A equipe continua a se aprimorar para a melhoria dos trabalhos em todos os aspectos. Existem projetos que visam obter uma maior participação dos alunos surdos, trabalho que será realizado em conformidade ao que é feito durante as aulas de Libras e os momentos de AEE, como também outros projetos como a realização de *softwares* de jogos bilíngues envolvendo conteúdos curriculares de várias disciplinas e projetos que incluam a sociabilidade entre surdos e ouvintes.

O processo de inclusão dos surdos em nossa escola iniciou e continua se renovando diariamente, não só com a boa vontade e aceitação da comunidade escolar, mas principalmente com a promoção de projetos que estimulam o surdo em seus estudos não somente em sala de aula, mas em casa ou em qualquer outro local. Tais projetos priorizam a possibilidade de escolha do surdo na decisão de estudar em lugares que não sejam a escola e que tenha esse poder de optar que seus estudos não se restrinjam unicamente ao espaço escolar. As pesquisas nessa área devem ter continuidade porque o estímulo visual-espacial favorece a inclusão dos alunos priorizando e respeitando a L1, pois a inexistência de dicionários com esse conteúdo tem prejudicado a acessibilidade comunicacional dos surdos.

REFERÊNCIAS

- ALVEZ, C. B. *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez*. Carla Barbosa Alvez, Josimário de Paula Ferreira, Mirlene Macedo Damásio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- BASSO, I.; STROBEL, K.; MASSUTI, M. *Metodologia de Ensino de Libras L1*. Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXTOBASE_SEM_AS_IMAGENS_.pdf. Acesso em 10 mar. 2015.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União. Brasília, 22 dez. 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 25 abr. 2002.
- BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a Acessibilidade. Brasília, 19 dez. 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 10 mar. 2015.
- CAMPELLO, A. R. S. *Educação Surdos II: pedagogia visual/sinal na educação dos surdos*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
- FARIAS, S. P. Ao pé da letra não! Mitos que permeiam o ensino da leitura para os surdos. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006, p. 252-285.
- GESSER, A. *Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais*. Campinas: Unicamp, 2006.
- GESSER, A. *Metodologia de ensino em Libras como L2*. Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL2/assets/629/TEXTOBASE_MEN_L2.pdf. Acesso em: 10 mar. 2015.
- PERLIN, G.; QUADROS, R. M. (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007, p. 100-131.
- QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. *Situando as Diferenças Implicadas na Educação de Surdos: inclusão/exclusão*. Florianópolis: Ponto de Vista, 2003.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. *Ideias para ensinar português para alunos Surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. A educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva no Brasil. *Espaço.*, n. 30, p. 12-17, 2008.

SILVA, T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Artigo recebido em: 12 de julho de 2015.

Aprovado em: 10 de agosto de 2015.